
Para além das quatro linhas: uma análise da cobertura da Copa do Mundo de Futebol Feminino no Jornal Hoje e no Jornal Nacional¹

Ana Carolina Campos de Oliveira²

Cristiane Turnes Montezano³

Claudia Thomé⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Resumo: Em 2023 acontece a nona edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino, modalidade esportiva cujo investimento e visibilidade no Brasil ainda percorre uma trajetória recente. Utilizando a metodologia de Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2018), propõe-se investigar como foi construída a narrativa sobre as atletas no telejornalismo, a partir da observação do Jornal Hoje e do Jornal Nacional. O trabalho analisa os tipos de abordagem privilegiadas e os valores associados às atletas, em diálogo com estudos sobre a representação da mulher no telejornalismo brasileiro (COUTINHO; MARTINO, 2019; CLARO; PEREIRA, 2020; PEREIRA; CALEFI, 2021). Observou-se, no entanto, que, neste contexto, há um deslocamento da figura da mulher, que passa a ser representada como protagonista, pioneira e heroína.

Palavras-chave: Telejornalismo; Copa do Mundo (Futebol); Futebol Feminino; megaeventos esportivos.

Introdução

Esporte e televisão, no Brasil, estão juntos desde a estreia do meio no país (RIBEIRO, 2007). No telejornalismo, o esporte ocupava, enquanto pauta, pequenas porções do noticiário, até passar a constituir seu próprio espaço nas grades de programação, com produtos desenvolvidos especificamente para abordar a temática, construindo sua própria identidade no meio audiovisual.

Apesar desse processo de segmentação, o factual esportivo continuou a compor parte do jornalismo audiovisual geral, principalmente com resultados de competições de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa - Telejornalismo do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação PPGCOM-UFJF. Integrante do Grupo de Pesquisa Narrativas Midiáticas e Dialogias (CNPq/UFJF). Bolsista FAPEMIG. E-mail: ana.dooc@gmail.com

³ Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Membro do grupo de pesquisa LMD (Laboratório de Mídia Digital). Bolsista RNP. E-mail: c.turnes@hotmail.com

⁴ Doutora. Professora associada da Facom/UFJF e docente permanente do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF), com Pós-doutorado em Comunicação e Cultura pelo PPGCOM/UFJF. Líder do Grupo de Pesquisa CNPq Narrativas Midiáticas e Dialogias (Namídia). E-mail: c.thomereis@gmail.com

destaque e durante a cobertura de megaeventos esportivos, como é o caso das edições da Copa do Mundo. Podendo ser considerados enquanto “eventos midiáticos” (ou *media events*), como posto por Dayan e Katz (1992), esse tipo de acontecimento esportivo acaba por romper com a rotina e organização da grade televisiva, interferindo na programação em uma cobertura intensa, que atravessa não somente a transmissão das partidas, mas também os noticiários de maneira geral.

Em 2023, pela segunda vez, o mundial de futebol feminino será transmitido pela TV Globo. Essa nova edição, no entanto, se destaca pela promessa⁵ da emissora em realizar uma cobertura mais extensa e completa da competição, contando com a transmissão de mais partidas e também com maior ênfase no tema durante a programação - inclusive como pauta nos noticiários. Tal cenário evidencia o quão recente é o agendamento midiático que traz visibilidade ao futebol feminino na grande mídia, possível de ser relacionado com o que Becker (2021) e Reis e Thomé (2022) apontam como característica do jornalismo audiovisual contemporâneo no que diz respeito ao aumento de pautas de ações afirmativas trabalhadas nos últimos anos.

É a partir deste contexto que o presente trabalho propõe uma investigação sobre a construção narrativa (MOTTA, 2013) da Copa do Mundo de Futebol Feminino fora da segmentação dos programas especializados na cobertura esportiva, a partir da observação em dois dos principais telejornais da emissora. Utilizando a Metodologia de Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2018) e tomando como objeto as reportagens sobre o megaevento esportivo exibidas pelo Jornal Hoje e Jornal Nacional durante os dez dias que antecederam a competição e sua estreia, objetiva-se compreender quais foram os valores associados ao campeonato feminino e à mulher nessa ambientação, partindo de estudos de Claro e Pereira (2020), Pereira e Calefi (2021) e Coutinho e Marino sobre a representação da mulher no telejornalismo (2019)

A invisibilidade e o silenciamento da mulher no telejornalismo brasileiro

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2022⁶ aponta que a sociedade brasileira é formada majoritariamente por mulheres (que

⁵<https://redeglobo.globo.com/google/amp/novidades/noticia/globo-prepara-cobertura-multiplataforma-para-a-copa-do-mundo-feminina.ghtml>, acesso em 6 de julho de 2023.

⁶ Informação retirada do site do IBGE, disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.ht>

representam 51,1% da população nacional). Apesar disso, ser mulher ainda representa um grande desafio frente a um cenário historicamente machista nos mais diversos âmbitos da vida social. Lançando o olhar para o viés comunicacional, Coutinho e Marine (2019) afirmam que “essa hegemonia masculina ainda se reflete, sobretudo na mídia de massa, que muitas vezes exclui as mulheres dos espaços de debate” (COUTINHO; MARINE, 2019, p. 9).

Ao tomar especificamente o telejornalismo enquanto objeto de investigação, é possível pensar as relações entre o feminino e o jornalismo audiovisual a partir de diferentes vertentes, como das posições profissionais ocupadas, das representações e das construções discursivas. Independente do recorte que se deseja tomar, no entanto, é inegável pensar que “o telejornalismo raramente foge à regra de desigualdade quanto ao acesso às vozes femininas. A ausência de igualdade entre os gêneros presente na sociedade acaba por refletir também no fazer jornalístico” (COUTINHO; MARINO, 2019, p.13).

Neste sentido, segundo Claro e Pereira (2020), pesquisadores de jornalismo têm tomado a questão de gênero enquanto central em seus trabalhos, ainda que este seja um movimento recente. Para as autoras, a discussão passa pela presença das mulheres nesses espaços - enquanto profissionais, personagens e fontes -, e também pelo ponto de vista do discurso construído sobre elas.

O Brasil, apesar de carecer em pesquisas que abordem essas discussões, [...] têm avançado nas pesquisas de jornalismo em uma perspectiva de gênero. Os meios de comunicação brasileiros, muitas vezes, sustentam uma visão irrealista das mulheres, feita através de uma perspectiva masculina e dominante. A perspectiva de gênero vem a contrapor estes posicionamentos que reforçam a subordinação feminina. (PEREIRA; CLARO, 2020, p.5)

As próprias autoras anteriormente citadas, Coutinho e Marino (2019), em análise da presença da mulher no telejornal mais assistido no país - o Jornal Nacional - observam que “a desigualdade de gênero no telejornalismo deve ser pensada além da análise da presença ou ausência numérica de fontes mulheres” (p.20), mas também através dos estereótipos comumente associados a elas, como a atribuição constante do papel de vítima e a falta da representação da mulher em posições de poder e no papel de

protagonista. Constituem-se, então, essas “avenidas de silêncio para as mulheres”, como colocam Pereira e Caleffi (2021), no telejornalismo, como um reflexo do contemporâneo social.

Para além de informar, o jornalismo audiovisual, como lugar de referência (VIZEU, 2009) e de construção audiovisual da realidade a partir de suas narrativas (BECKER, 2020; BECKER, 2021), também acaba por retratar e pautar o cotidiano, estabelecendo recortes e angulações que ajudarão a definir a identidade e os valores privilegiados em determinado momento histórico, refletindo, assim, também a própria sociedade naquele determinado contexto. No caso do futebol feminino, modalidade que historicamente sofre com regimes de visibilidade em um ambiente predominantemente masculino e machista, se faz relevante, portanto, observar como, através do (tele) jornalismo e do jornalista, é possível trabalhar “na (des)construção dos estereótipos de gênero” (CLARO; PEREIRA, 2020, p.3).

O Futebol Feminino para além das quatro linhas

As modalidades femininas no esporte brasileiro apresentam historicamente uma perceptível disparidade de incentivo e fomento. Pesquisa qualitativa realizada pelo Instituto de Pesquisa DataSenado, em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência (OMV) em 2021, que ouviu atletas, paratletas e técnicas desportivas constatou que:

Apesar dos avanços em relação a mulheres no esporte, é possível observar que já na infância a menina vivencia suas primeiras experiências de desigualdade diante da prática do esporte, mesmo que não compreenda naquele período. À medida que almeja uma possível projeção no alto rendimento e amadurece em relação à atuação no esporte, passa a ponderar as diferentes exigências que ocorrem entre meninos e meninas. (DATASENADO, Instituto, 2021⁷)

Ainda segundo a pesquisa, o que se nota é que a equidade de gênero no esporte brasileiro é um processo ainda em andamento (DATASENADO, Instituto, 2021). Essa assimetria se reflete no espaço, tempo e condução da cobertura midiática envolvida nas competições destinadas ao gênero feminino em todas as modalidades esportivas. Um

⁷ Informação retirada no site Institucional Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasetado/materias/pesquisas/mulheres-no-esporte-pesquisa-sobre-equidade-de-genero>. Acesso em 8 de julho de 2023

exemplo claro está no futebol, paixão nacional, presente ao menos duas vezes na semana na TV aberta da emissora de maior alcance de audiência no país, a TV Globo, que também realiza cobertura completa e transmissões dos jogos da Copa do Mundo Masculina desde 1970. O mesmo já não ocorre com o futebol feminino tanto em relação a cobertura jornalística, como em relação às transmissões dos jogos.

A Copa do Mundo Feminina, que ocorre desde 1991, tendo a seleção brasileira presente em todas suas nove edições, só começou a ser exibida ao vivo em TV aberta em 2007, quando a seleção foi vice-campeã. A primeira transmissão de jogo da seleção feminina de futebol foi do jogo da final, feita pela TV Bandeirantes com narração de Luciano do Valle, referência da locução esportiva no Brasil. Em 2011 a emissora Bandeirantes transmitiu em TV aberta o jogo de abertura - entre Alemanha e Canadá - em uma gravação e ao vivo, os jogos da seleção brasileira. Em 2015 quem transmitiu os jogos da seleção nacional foi o canal público TV Brasil, a Band acabou transmitindo outros jogos da Copa priorizando sua programação aos jogos do Brasil⁸. Já em 2019 a Rede Globo transmitiu todos os jogos da seleção feminina em TV aberta pela primeira vez na história. A Bandeirantes também realizou a transmissão dos jogos do Brasil e de outras seleções. Pela primeira vez a Nike produziu um uniforme específico para a seleção feminina e as jogadoras brasileiras foram colocadas em destaque em comerciais do Guaraná Antártica, Banco Itaú e do O Boticário.

No campeonato de 2023 a cobertura da Copa Feminina de Futebol será multiplataforma. A Rede Globo prometeu em seu site oficial uma cobertura midiática intensa envolvendo todos seus canais de mídias TV Aberta, Streaming (GloboPlay), Site GE (Site do Globo Esporte) e SporTV (canal fechado dedicado ao esporte)⁹. Além dela, pela primeira vez, na promessa da emissora, os jogos serão transmitidos na Plataforma YouTube, pelo canal Cazé TV, do influenciador digital Casimiro Miguel. E a rádio Transamérica será a primeira emissora de rádio a transmitir as partidas. Outros canais de mídia televisiva e digital também anunciaram que irão fazer a cobertura jornalística do campeonato.

⁸ Informações retiradas do livro: Mulheres em Campo Gênero: No Jornalismo Esportivo Brasileiro de Érika Alfaro de Araújo.

⁹ Informação retirada do site oficial da emissora. Disponível:

<https://redeglobo.globo.com/google/amp/novidades/noticia/globo-prepara-cobertura-multiplataforma-para-a-copa-do-mundo-feminina.ghtml>. Acesso em 08 de julho de 2023

Tendo em vista esse momento marcante do futebol feminino na mídia brasileira, e o histórico da prática de invisibilidade da mulher no telejornalismo (PEREIRA; CALEFI, 2021), este artigo propõe investigar como foi construída a narrativa sobre o campeonato, as atletas e seleções de futebol femininas no jornalismo audiovisual da Rede Globo, a partir da observação da ocorrência da temática em dois noticiários - o Jornal Hoje e o Jornal Nacional - durante os dez dias que antecedem a competição, compreendendo as edições entre os dias 10 e 20 de julho de 2023. Utilizando a Metodologia da Análise da Materialidade Audiovisual (AMA), de Coutinho (2018), o presente trabalho traz análise sobre qual foi a narrativa estabelecida pelo noticiário audiovisual da Rede Globo sobre o mundial de futebol feminino, mais especificamente sobre as atletas, nos dois telejornais em rede nacional.

Para tanto, foram selecionadas nove edições de cada um dos telejornais, compreendidas dentro do intervalo de tempo proposto. Para definir, no entanto, os materiais a serem “entrevistados” pela AMA, refinamos o recorte de pesquisa na busca pelos conteúdos - entre reportagens, cabeças e notas - exibidos pelos telejornais que apresentassem como temática principal o mundial de futebol feminino.

Como etapa seguinte da investigação, propusemos três principais eixos na composição da ficha de análise, com base nos pressupostos de Motta (2013) que compõem a Análise Crítica da Narrativa. O primeiro eixo tem como referência o primeiro movimento proposto pelo autor, que consiste em “compreender a intriga como síntese do heterogêneo”, ou seja, na recomposição, aqui, do acontecimento jornalístico; como segundo eixo, nos baseamos no segundo movimento proposto por Motta (2013), no que diz respeito à compreensão da “lógica do paradigma narrativo”, buscando identificar os conflitos e funcionalidade dos episódios; por fim, o terceiro eixo parte do quinto movimento apresentado pelo autor, compreendendo a análise dos personagens da narrativa, na “metamorfose de pessoa a persona”, investigando suas representações.

A Copa Feminina no Jornal Hoje - factual, bastidores e série especial de reportagens

Das nove edições analisadas do JH, quatro contaram com matérias esportivas que abordaram a Copa Feminina de Futebol, as dos dias: 17, 18, 19 e 20 de julho. Na semana de abertura da Copa, no dia 17 de julho, o jornal anunciou uma série de

reportagens especiais sobre a equipe que trabalha nos setores de serviços, nos bastidores da delegação da seleção feminina do Brasil.

No último bloco, como antepenúltima matéria, o jornal entra no assunto esporte a partir de um factual: informações de como têm sido os últimos dias de treinos preparatórios da seleção Feminina Brasileira de Futebol, como é anunciado pelo apresentador César Tralli na cabeça da matéria. O correspondente Marcelo Courrage, que se encontra na Oceania para cobrir a Copa, é o responsável pela matéria que inicia com imagens de atividades diferentes realizadas nos treinos da Seleção. Courrage ressalta a confiança das jogadoras no trabalho da comissão técnica e, em especial, de Pia Sundhage. Ao término da matéria, em estúdio, Tralli dá continuidade ao tema esporte anunciando a nova série de reportagens que será exibida sobre a comissão técnica que acompanha a seleção no campeonato. As reportagens especiais são feitas pela repórter Amanda Barbosa e recebem destaque na escalada do telejornal. Na estreia da série, o tema abordado foi a equipe responsável pela cozinha.

A reportagem conta com sonoras dos cozinheiros responsáveis pelas refeições da seleção durante o mundial - Jaime Maciel (chefe de cozinha da CBF) e Eduardo Rezende (sub-chefe de cozinha da CBF), - investindo em imagens dos mesmos cozinhando pratos típicos brasileiros como arroz e feijão, enquanto em *off* Barbosa ressalta a importância dessa função para as jogadoras, aqui representadas em sonoras por Bia Zaneratto e Duda Sampaio. Na edição do dia seguinte (18 de julho), mais uma vez a série especial aparece na escalada do jornal. As matérias sobre a Copa passam ao fim da edição. Mais uma vez o assunto Copa do Mundo Feminina é iniciado a partir de uma matéria factual realizada por Marcelo Courrage, na qual há informações sobre a recepção à seleção na cidade de Brisbane, que incluiu uma cerimônia dos povos originários da Oceania. A outra notícia é sobre o corte da atacante Nycole, que se lesionou em jogo-treino e foi substituída pela volante Angelina. A matéria ainda conta com sonora da zagueira Rafaelle lamentando o corte da jogadora, mas ressaltando o preparo de sua substituta, o que Courrage reforça, ao trazer informações sobre feitos de Angelina na seleção.

Em seguida, Tralli anuncia a reportagem especial sobre os bastidores da Comissão Técnica da seleção feminina, que traz o episódio sobre os roupeiros, responsáveis pela organização e manutenção das roupas, chuteiras e acessórios das

jogadoras antes das partidas. A reportagem traz três profissionais que trabalham para a seleção: Fábio Pereira Silva, André Luis Oliveira e Leide Tamires Marques, esta última primeira mulher roupeira da CBF. Os três relatam sobre o quanto o trabalho que fazem é imprescindível nos jogos, exigindo muita atenção e fisicalidade, e destacam ainda o orgulho do trabalho que exercem. Leide Tamires Marques recebe certo foco, pela importância que possui por ser uma mulher pioneira nessa função e pela realização do sonho de ser integrante da delegação da seleção na Copa.

Na edição de 19 de julho, véspera do início da Copa do Mundo de Futebol feminina, as matérias sobre esporte são inseridas em quadro especial do Jornal Hoje voltado para esta editoria, apresentado por Karine Alves. E é ela quem, após trazer a agenda dos jogos da primeira semana da Copa, chama o último episódio da série especial de reportagem dos bastidores da seleção brasileira. Karine inicia sua fala colocando em pauta a própria reportagem que está para ser exibida ao falar sobre como se sentiu ao vê-la: “E essa tá emocionante gente eu assisti antes de entrar no ar aqui e arreei”. Ela ressalta a participação feminina na delegação (dos 31 membros, 17 são mulheres) e anuncia que o episódio é sobre a equipe de Comunicação.

A reportagem traz uma personagem central: a fotógrafa Thaís Magalhães e dá enfoque a invisibilidade muito presente no futebol feminino. A partir da abordagem da importância da equipe de Comunicação - em uma autorreferencialidade (PICCININ;SOSTER 2012) ao próprio trabalho realizado pelo telejornal - Barbosa pontua que essa equipe, voltada especificamente para os registros da categoria feminina, é uma adição recente à comissão técnica da seleção feminina e destaca como isso se reflete na falta de registro sobre as equipes femininas de futebol. A locação escolhida para parte da reportagem é o Museu do Futebol, onde ocorre a exposição temporária “Rainhas de Copas”, que busca traçar uma linha do tempo e contar parte da história do futebol feminino. Com sonora da diretora técnica do museu, Marília Bonas, a importância do registro histórico é ainda mais reforçado, como forma de resistência ao silenciamento imposto às mulheres em relação ao esporte. Ainda há citação ao período da ditadura em que as mulheres foram proibidas de jogar e da falta de imagens do primeiro gol em Copas da seleção brasileira. Na reportagem há imagens da fotógrafa Thaís e fotos tiradas por ela, além de muitas imagens de arquivo, além das obras presentes na exposição no museu, onde é realizada a passagem da repórter. Dos

episódios este é o de maior enfoque em figuras femininas tanto como personagens na matéria, como sobre a própria abordagem e escolha do direcionamento da narrativa. Após o fim do VT, na volta para o estúdio, Karine Alves traz os jogos da seleção na fase de grupos, com as informações dos dias e horários das partidas, e o jornal se encerra.

Na edição do dia 20 de julho, primeiro dia da Copa de Futebol Feminina, o jornal tem a presença novamente de Karine Alves. A repórter, com o auxílio do telão - presente no cenário do jornal- e de imagens de cobertura, informou sobre a cerimônia de abertura, os números de público, que bateu recorde na Austrália, como maior público num jogo de futebol e trouxe os resultados das partidas que ocorreram no dia. Das edições em análise que tiveram matérias sobre o mundial essa foi a com menor tempo de jornal voltada ao assunto. Ainda é válido destacar, que em relação aos formatos de unidades informativas, o telejornal contou com dois VTs, entre um minuto e meio e dois minutos; duas notas secas de média de 40 segundos; uma nota coberta em torno de dois minutos e três episódios de uma reportagem especial com média entre três minutos e meio, quatro minutos e meio.

Dessa forma, na análise do Jornal Hoje, seguindo a proposta referida anteriormente, pode ser compreendida no esquema abaixo:

Quadro 1: Síntese de análise do Jornal Hoje

Eixo 1 - A Intriga	Eixo 2 - A lógica do paradigma narrativo	Eixo 3 - Personagens
<ul style="list-style-type: none"> - A Narrativa parte de pautas factuais; - Em um segundo momento, o aprofundamento ao tema é feito com séries de reportagens. 	<ul style="list-style-type: none"> - As primeiras pautas (factuais) introduzem o tema ao noticiar sobre a seleção e as jogadoras; - Já a série de reportagem, trabalha as relações dos bastidores da seleção brasileira, buscando também a visibilidade de setores comumente esquecidos - assim como a modalidade feminina. E usa dessa ponte para tratar também da história e dos desafios das mulheres no esporte 	<ul style="list-style-type: none"> - 38,46% dos personagens são homens, enquanto 61,54% são representados por mulheres; - Em relação aos repórteres, essa relação passa ser a 25% e 75% ; - São privilegiadas na narrativa qualidades positivas, destacando técnica, confiança, habilidades, pioneirismo, resiliência e luta, principalmente associadas às personagens mulheres.

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras

A Copa Feminina no Jornal Nacional - memória e subjetivação

No Jornal Nacional, a Copa do Mundo de Futebol Feminino foi pauta em seis das nove edições do telejornal analisadas: em 10, 14, 15, 17, 18, 19 e 20 de julho. Entre reportagens e notas, foi possível identificar nove unidades informativas que abordaram o mundial.

Na edição de 10 de julho, o telejornal apresentou uma reportagem de Marcelo Courrege que, na cabeça do apresentador, chamava a atenção para o custo da preparação física da atleta da seleção brasileira Gabi Nunes, que gastou metade do salário para se preparar com uma equipe específica em sua casa. O VT destaca os pontos fortes da atleta em campo, como seu cabeceio, acompanhado da fala de Gabi Nunes de que a boa performance é resultado de muito treino. A reportagem destaca a diferença de infraestrutura entre o futebol feminino e masculino, principalmente ancorada na fala da jogadora de que o investimento feito com essa preparação é um sacrifício necessário pelo bom desempenho da atacante.

Já no telejornal de 14 de julho, o foco principal da reportagem exibida pelo Jornal Nacional não estava em nenhuma das atletas especificamente. A matéria de Marcelo Courrege abordava a iniciativa de uma escola no Paraná em enviar cartas de incentivo para a seleção brasileira. Na fala da experiência vivida pela coordenadora da escola ainda criança, a reportagem destaca como o futebol era tido como um esporte masculino e como meninas não tinham o direito à prática da modalidade em um passado recente. Na figura das crianças que torcem pela seleção, no entanto, a matéria indica uma mudança nessa realidade ao afirmar que agora “meninos e meninas têm heroínas no futebol”. Na fala do repórter é destacado o movimento de esforço do futebol feminino na luta de igualdade de gênero no esporte e na sociedade, com foco nas gerações futuras - representada pelas crianças -, afirmando que “jogadoras de futebol podem mudar vidas”.

Como enfoque no factual da rotina da seleção brasileira, na edição seguinte, no sábado de 15 de julho, Marcelo Courrege retorna com mais uma reportagem, dessa vez abordando a relação entre a treinadora da equipe brasileira e as jogadoras, evidenciando o clima “pré-copa” da seleção. Com imagens de treinos e algumas sonoras de Pia

Sundhage e da jogadora Adriana, o repórter evidencia como a alegria, o carinho e o companheirismo são as características das relações que formam a seleção brasileira.

Iniciando a contagem regressiva, já na semana de estreia da competição, a edição de 17 de julho anuncia o início de uma série de três reportagens especiais que foram exibidas pelo Jornal Nacional até o dia da abertura oficial da Copa do Mundo de Futebol Feminino. Seguindo o percurso de uma narrativa macro histórica, a primeira reportagem da série, feita por Denise Thomaz Bastos, abordou as pioneiras do futebol feminino no Brasil. Mesclando passado e presente, além de falas pontuais de jogadoras como Kerolin (da seleção atual), Cristiane e Marta (com auge em uma geração anterior), a reportagem destaca a fala de atletas como Marisa, Fanta, Roseli, Sissi e Aline Pelegrino. Mesclando imagens de arquivo, entrevistas com essas atletas, e imagens produzidas com jovens atletas da atualidade, a reportagem evidencia a discrepância entre o futebol masculino e feminino no Brasil e as dificuldades enfrentadas pela modalidade feminina ao longo dos anos, como a falta de apoio do público, a falta de investimento e a profissionalização tardia do futebol feminino.

Na edição seguinte, em 18 de julho, a segunda reportagem da série deu um passo à frente, com enfoque na era do trio de ouro da fase mais vitoriosa da seleção brasileira feminina, com Marta, Cristiane e Formiga. Com uma estética similar à anterior, a reportagem evidencia a importância dessas jogadoras no desenvolvimento da seleção brasileira e nos principais títulos de expressividade conquistados na última década. A partir das falas das atletas, mostra como foi essa a geração da seleção brasileira que “apresentou” o futebol feminino em expressividade para a torcida, que encheu estádios para torcer por um time competitivo e vitorioso. A edição contou ainda com um VT abordando a lesão da atacante Nycole, que precisou ser cortada do elenco, e o sentimento das colegas de seleção, além de quem seria a substituta pela posição; e uma nota seca sobre a liberação inédita de funcionários públicos federais nos horários de jogos da seleção brasileira para assistirem à competição (prática que já é feita há anos em relação à seleção masculina).

O episódio final da série foi exibido na edição que antecedeu a abertura da Copa do Mundo de Futebol Feminino, em 19 de julho. Fechando o percurso narrativo histórico, o enfoque da reportagem foi no momento presente da seleção brasileira e do futebol feminino no Brasil. Com sonoristas de Karolin, Pia, Marta, Ary Borges e Larissa

(atleta de base da seleção), a matéria destaca a “era atual” da seleção feminina, inaugurada com a chegada da treinadora Pia Sundhage em 2019, e com a mescla entre experiência e novos nomes na seleção. Esse movimento também é atrelado ao desenvolvimento recente do futebol feminino no Brasil, com mais investimento e visibilidade nos últimos anos. A reportagem chama a atenção para a utilização da Granja Comary também como casa da seleção feminina de futebol e como esse tipo de estrutura é fundamental para o desenvolvimento de uma nova geração. Nesse momento, a personagem Larissa, atleta de base da seleção brasileira, é destaque na reportagem - e também é evidenciada a presença de sua imagem nas reportagens anteriores - justamente encerrando o encadeamento lógico da narrativa de que a seleção brasileira de futebol é um esforço coletivo e em construção por anos, com conquistas de geração em geração, para que novas meninas encontrem mais oportunidades que barreiras no futuro.

Por fim, a última edição do Jornal Nacional analisada, na data de estreia da competição, em 20 de julho, já não trabalha mais com foco na seleção brasileira. Na primeira reportagem apresentada nesta edição, além do factual com o resultado das partidas que deram início à Copa do Mundo de Futebol Feminina, também chama a atenção para marcos que a competição já conquistou, como o recorde de público em uma partida de futebol, entre as modalidades feminina e masculina, na Nova Zelândia; e o mesmo recorde em relação ao público em uma partida de futebol feminino na Austrália. A arbitragem feminina brasileira também é evidenciada na matéria. Na edição, uma última unidade informativa é associada ao mundial, mas trazendo um factual local e sem ligação direta com a competição ou com o futebol feminino.

Cabe destacar também as escolhas feitas pelo noticiário no que diz respeito aos formatos de unidades informativas utilizadas na cobertura jornalística no período pré-Copa. Das nove unidades analisadas, foram observadas a presença de dois formatos mais curtos (com uma nota seca e um stand-up), quatro VTs factuais com duração média entre um minuto e meio e dois minutos e meio; e três reportagens especiais, apresentadas como série, com duração média de sete minutos.

É possível sintetizar, portanto, a análise desse conjunto de unidades informativas exibidas no Jornal Nacional no período pré-copa da seguinte maneira:

Quadro 2: Síntese de análise do Jornal Nacional

Eixo 1 - A Intriga	Eixo 2 - A lógica do paradigma narrativo	Eixo 3 - Personagens
<ul style="list-style-type: none"> - Enredo com três principais objetivos: ambientar, informar e engajar o espectador; - Reportagens factuais informam e introduzem o tema; - Série de reportagens especiais aprofunda a informação, contextualiza e busca o engajamento do espectador; 	<ul style="list-style-type: none"> - As primeiras pautas (factuais) introduzem o tema ao noticiar sobre a seleção e as jogadoras; - Já a série de reportagem apresenta um foco memorialístico, trabalhando pautas engajadas relacionadas à questões de gênero, partindo de estratégias de subjetivação (BECKER; THOMÉ, 2023) com testemunho das atletas, caracterizadas pela narrativa pautada também na emoção e na experiência. 	<ul style="list-style-type: none"> - 5% dos personagens são homens, enquanto 95% são representados por mulheres, com destaque para as atletas da seleção; - Em relação aos repórteres, essa relação passa a 66% mulheres e 44% homens ; - São privilegiadas na narrativa construções que colocam as mulheres enquanto “craques”, “rainhas”, “heroínas”, “pioneiras” e protagonistas.

Fonte: Quadro elaborado pelas autoras

Considerações Finais

O futebol feminino é historicamente uma modalidade esportiva que sofre, dentre outras questões, com a falta de investimento e regimes de invisibilidade quando comparados à modalidade masculina. Tal fato é um reflexo da própria forma como a mulher é tida na sociedade e, como trabalhado aqui a partir de diferentes autores, também no contexto midiático. Pautas afirmativas, no entanto, têm sido trabalhadas em uma crescente pelo telejornalismo, como apontam Becker (2021) e Reis e Thomé (2022), o que abre espaço para discussões sobre a igualdade (ou a falta dela) de gênero no telejornalismo contemporâneo.

Ao noticiar o pré-Copa da seleção brasileira, os dois telejornais (JH e JN) evidenciaram o percurso histórico da modalidade, dando ênfase para a discrepância entre o desenvolvimento e o investimento entre o futebol feminino e masculino. Além disso, destacaram o potencial de transformação social do esporte e a importância da representatividade feminina para as gerações futuras. Dando destaque ao protagonismo feminino, os noticiários abordaram ainda, de forma explícita ou implícita, a própria invisibilidade da mulher na sociedade - e, por que não pensar, no próprio

telejornalismo? Na construção das reportagens, as vozes femininas foram maioria em número e tempo de fala dedicado, entre personagens e repórteres. Apesar de mostrar as dificuldades enfrentadas pelas atletas na modalidade, principalmente no início do futebol feminino no Brasil, no entanto, as atletas não são enquadradas enquanto vítimas ou em posições de fragilidade - com exceção para a lesão de Nycole. Ao contrário, são tidas como “heroínas”, “pioneiras”, “craques”, “rainhas”, e protagonistas. Destacam-se, neste sentido, também os formatos noticiosos escolhidos para a cobertura jornalística do tema, com privilégio para reportagens especiais, produzidas e de longa duração, que foram apresentadas em séries nos dois telejornais analisados.

Retomando Coutinho e Marino (2019) no que diz respeito à importância no noticiário audiovisual na sociedade brasileira, junto a ideia do telejornalismo como “lugar de referência” (VIZEU, 2009) e de “construção audiovisual da realidade” (BECKER, 2020), percebe-se o quanto as escolhas narrativas utilizadas pelos telejornais analisados vão ao encontro de uma ideia de potencialização das narrativas femininas no noticiário audiovisual e na própria sociedade. As “avenidas de silêncio” (PEREIRA; CALEFFI, 2021) dão lugar a espaços de diálogo e fala feminina, que contam suas próprias histórias e experiências para narrar a história da modalidade, para além dos marcos oficiais históricos.

A partir da análise, foi possível perceber que a editoria esportiva, aqui representada na cobertura do Mundial de Futebol Feminino de 2023, se apresenta enquanto potente espaço na abordagem dessas questões. É preciso refletir, no entanto, o quanto desses discursos e práticas permanecerão no dia a dia dos telejornais - inclusive para além da pauta esportiva - uma vez que o agendamento midiático do megaevento esteja concluído.

Referências

- BECKER, Beatriz. Reconfigurações do Jornalismo Audiovisual: um estudo da cobertura do Fantástico sobre a pandemia da Covid-19. *Lumina*, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 6–22, 2021. DOI: 10.34019/1981-4070.2021.v15.35300. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/35300>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- BECKER, Beatriz. Telejornalismo e Imaginário - A construção Audiovisual da realidade do Brasil e do Mundo nos 70 anos da TV brasileira. In: EMERIN, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. (org). **Telejornalismo 70 anos: o sentido das e nas telas**. 1ª ed. Florianópolis, SC: Insular, 2020.

BECKER, Beatriz.; THOMÉ, Claudia. Subjetivação como estratégia do telejornalismo na defesa da ciência. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [S. l.], v. 21, n. 47, 2023. DOI: 10.5902/2175497772173. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/72173>. Acesso em: 14 ago. 2023.

CLARO, Paula; PEREIRA, Ariane. Eloá e Tatiane: similitudes e distensões na cobertura jornalística da violência contra a mulher. In: **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2020.

COUTINHO, Iluska. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual: da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In: Emerim, C.; Coutinho, I.; Finger, C. (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Coleção Jornalismo Audiovisual. V7. Florianópolis: Insular, 2018.

COUTINHO, Iluska; MARINO, Caroline. UM OCEANO DE SILÊNCIO: Análise das representações sociais de gênero no telejornalismo brasileiro. **Contracampo**, Niterói, v. 38, n.2, p. 8-22, ago./nov. 2019

DAYAN, D; KATZ, E. **Media Events: The live broadcasting of history**. Cambridge, MA: Universidade de Havard, 1992.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

PEREIRA, Ariane; CALEFFI, Renata. Avenidas de silêncio: a invisibilidade das mulheres nos telejornais. In: **Anais do 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Online: SBPJor, 2021.

PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. Da anatomia do telejornal midiaticado: metamorfoses e narrativas múltiplas. **Brazilian Journalism Research**, São Paulo, v.8, n.2, 2012.

REIS, Marco Aurélio; THOMÉ, Claudia. O narrador dialógico na reconfiguração do jornalismo pós-guina subjetiva. **Rizoma**, v.11, n.2, p. 27-47, 12 dez. 2022.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: a história da imprensa esportiva do Brasil**. São Paulo, SP: Editora Terceiro Nome, 2007.

INSTITUCIONAL SENADO. **Mulheres no esporte: Pesquisa sobre equidade de gênero**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/mulheres-no-esporte-pesquisa-sobre-equidade-de-genero> . Acesso em 8 de julho de 2023

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 16, n. 40, p. 77–83, 2009. DOI: 10.15448/1980-3729.2009.40.6321. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6321>. Acesso em: 15 jul. 2023.